

XIV / N.º 631
11 de Dezembro 1994
e Janeiro 1995
100
(incluído)
anário
tor
Carlos
Broncelos



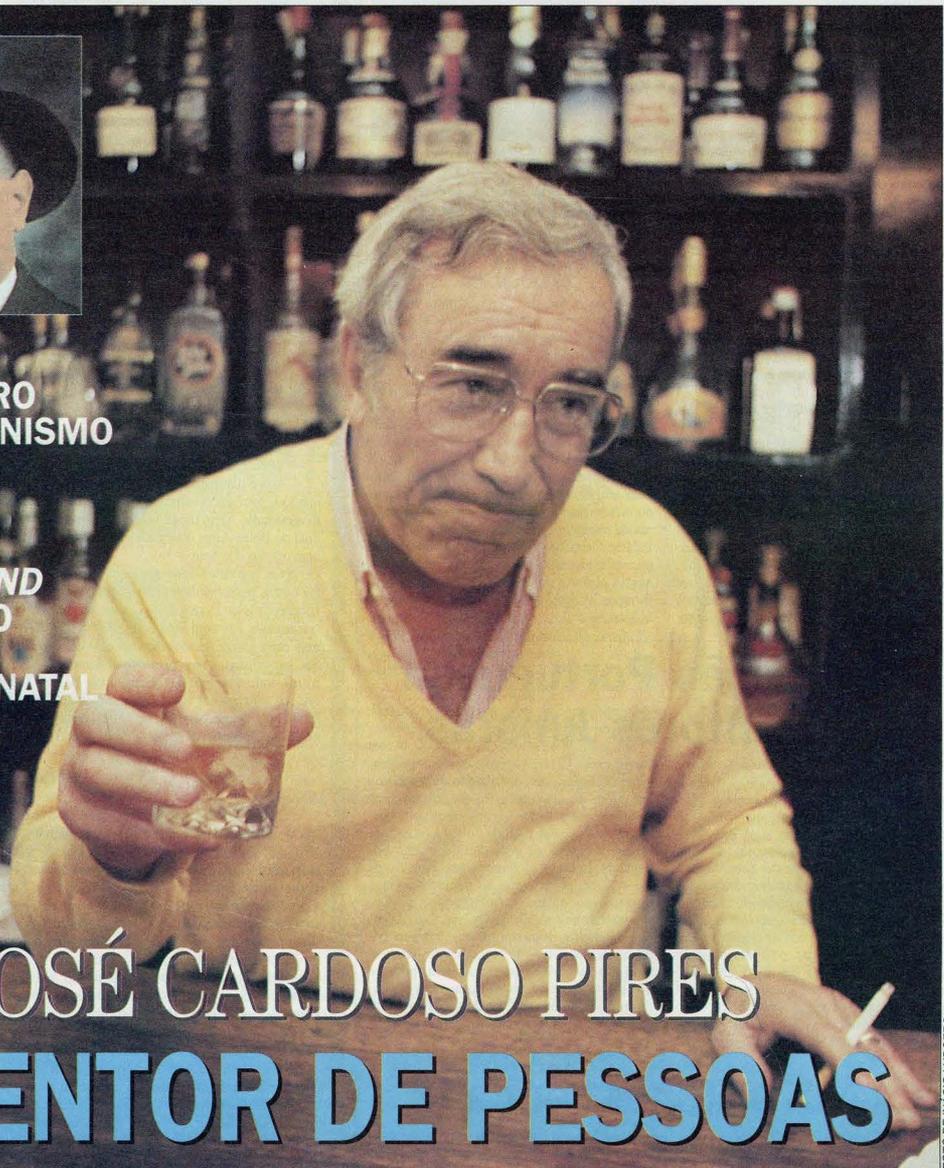
JORNAL
DE LETRAS,
ARTES
E IDEIAS



TEMA
SÁ-CARNEIRO
E O MODERNISMO

MANUEL
DE BRITO
O MARCHAND
ROMÂNTICO

LIVROS DE NATAL



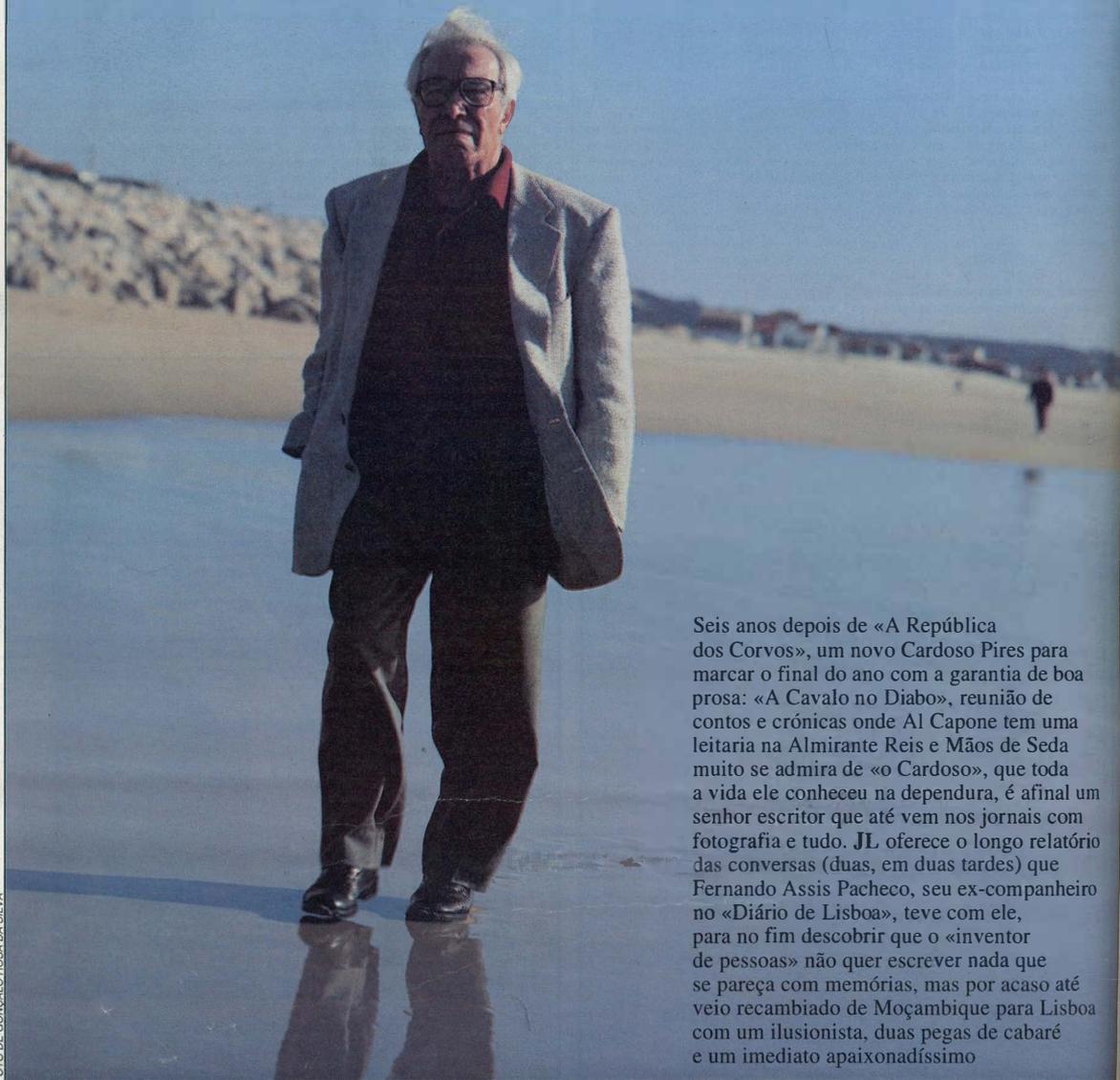
JOSÉ CARDOSO PIRES
INVENTOR DE PESSOAS

FOTO DE INACIO LUDGERO

JOSÉ CARDOSO PIRES

O inventor de pessoas

FERNANDO ASSIS PACHECO



Seis anos depois de «A República dos Corvos», um novo Cardoso Pires para marcar o final do ano com a garantia de boa prosa: «A Cavalhada no Diabo», reunião de contos e crónicas onde Al Capone tem uma leitaria na Almirante Reis e Mãos de Seda muito se admira de «o Cardoso», que toda a vida ele conheceu na dependura, é afinal um senhor escritor que até vem nos jornais com fotografia e tudo. JL oferece o longo relatório das conversas (duas, em duas tardes) que Fernando Assis Pacheco, seu ex-companheiro no «Diário de Lisboa», teve com ele, para no fim descobrir que o «inventor de pessoas» não quer escrever nada que se pareça com memórias, mas por acaso até veio recambiado de Moçambique para Lisboa com um ilusionista, duas pegadas de cabaré e um imediato apaixonadíssimo

FIGURA



Cardoso Pires
Cavaleiro de Oliveira

DESENHO DE JOÃO ABEL MANTA

com traço instantâneo, em um, máximo dois parágrafos, enquanto os ambientes são montados diante de nós à mesma velocidade. Mãos de Seda, Al Capone — que afinal era o sr. Conceição «de Bijeu» ex-emigrante nos States —, Lidoro ou Júlio Gaspar o Londrino, nascem de uma penada, escorreitos, começando logo a falar com palavras suas, como o Menino entre os Doutores. Phnom Penh, capital do Kampuchea (Cambója), ou o Regent Hotel de Colombo (Sri Lanka) erguem-se à nossa frente como se os vissemos com estes que a terra há-de comer. Economia de meios, rigor no traço. O gosto pelo *vivid* e pelo *lively*, vá lá uma piscadela de olho aos americanos, com quem, de resto,

Cardoso Pires treinou a sua arte de ficcionar na década de 40. Ele confessará que «contar é um ofício delicado» ou, declaração a Mário Ventura no *Diário de Notícias*, «penso muito com o aparo», já que detesta expor-se em matéria de teoria literária. E noutros quotidianos da escrita, que é o que eu mesmo tenho para recordar quando fui seu chefe de redacção no *Diário de Lisboa*: preparava as primeiras páginas com um vagar exasperante, experimentando manchetes gradualmente mais compactas a cada nova tentativa, cuidando dos segundos e terceiros títulos para não haver colisões, abrindo zonas de chamadas — que apelidava de *spots* — com habilidade de *designer* gráfico, triando es- ▶

rimba-as para todo o sempre. J.C.P. *feicit*. Mãos de Seda é à vista desamada um composto, modelado através da observação dos marginais que lá pelos anos de 30 e 40 foram seus compinchas e vizinhos no fabuloso território de Entre Arroios e o Socorro, para onde a mãe Sofia o trouxe da aldeia do Peso, na Beira Baixa. Instalou-se a família no prédio n.º 7 da Rua Carlos José Barreiros, a Arroios, propriedade do pai. Em frente, no n.º 8, vieram viver os Fonseca, pais e filhos. Um destes acabaria por ser o também escritor Manuel da Fonseca, com quem o rapazinho nascido na Beira Baixa trocou acaso giz e tacadãs a doer nos bilhares da Cervejaria Portugalíia.

O pai, filho de um menino aparecido abandonado (enjeitado) sabe-se lá por quem numa loja de animais, era para herdar por artes do registo o nome de Domingos se acaso não vingasse na aldeia o costume de atribuir às crianças o apelido do padrinho, geralmente homem grado e de teres. Calhou ser levado à pia baptismal por um rico dr. Neves de Vila de Rei, e Neves ficou. Casado em segundas núpcias com D. Sofia, natural de Cardigos, ao nascer o filho varão mais velho atribuiu-lhe o nome do sogro, José Augusto, e depois os apelidos familiares à espanhola, isto é, primeiro os da mulher, «em sinal de homenagem», e só no fim o seu.

O escritor diz mais:

«A minha mãe era como os salmões, subia o rio para ir desovar. Foi assim que eu fui nascer ao Peso. Quando me trouxeram para Lisboa, veio em terceira classe, porque era agarradíssima, e o meu pai também, mas ele com bilhete de primeira, como competia a um oficial da Marinha.»

O JOGO DAS SURPRESAS

Se há uma estratégia pré-definida e usada com suma competência pelo prosador José Cardoso Pires, é a da surpresa. Três das crónicas-contos de *A Caval*

o Diabo começam desse jeito: «Ai pelos anos 40 Al Capone tinha o quartel-general numa leitaria da Avenida Almirante Reis quase à esquina da Rua José Falcão» («Conversas com Al Capone»); «às 6.30 da manhã Deus estava de costas para mim e eu escrevia» («Por quem os sinos dobram»); «Num dia sem horas nem data, ia eu em Coimbra com o poeta Afonso Duarte que Deus tem» («São Benedito de Assis»). Ou então o arranque faz-se com versos, como em «Os sapatinhos de ouro», paródia da paródia para falar de Imelda Marcos, mulher do último ditador das Filipinas.

Surpresa para os leitores mais batidos na sua rota, há personagens que saltam de livros antigos para o actual. Duas delas vinham no mesmo conto das *Histórias de Amor*: o negro Simas Anjo e o aldrúbias Heliodoro, ou Lidoro, agora dito o Ganso. Anjo dança e conquista rodopianteiras damas nas sociedades de recreio, Lidoro «aposta à Santola», ou seja, deita a mão a uma peça de marisco granjola contra a habilidade de martelar pregos numa tábua com a testa, o que acresce à surpresa. São novas habilidades suas.

Estas personagens tendem a ser desenhadas

Contar histórias é o seu ganha-pão. Histórias com gente de Lisboa ou de outros sítios, que depois, quando o encontra, abre os olhos espantados e diz como diz Martins, aliás Mãos de Seda:

«Eh, pá. Tu com que então escritor. Vi nos jornais, com fotografia e tudo.»

José Cardoso Pires aceita o cumprimento e resmunga do seu lado numa cadeira de barbeiro: não, não é nem nunca foi militar, muito menos arquitecto ou engenheiro. Escritor profissional, seja, pois disso vive. Ou mais autenticamente um «desempregado por conta própria». Tem 69 anos em equilíbrio sobre os pés, mulher, duas filhas, dois netos, 16 livros na bibliografia e um automóvel que estampa de quando em quando para grande susto dos amigos e das companhias de seguros. As quatro rodas mais conspicuas de sua propriedade foram japonesas e ele chamava-lhes «um carro de alfaiate» porque não havia outro tão mal talhado no parque automóvel nacional. É claro que bateu em muros, lancis e pimenteiros, mas está vivo e de perfeita saúde, Deus e o diabo ajudando. Senhor de um estilo narrativo reconhecível a uma milha náutica de distância, escreve hoje por hoje para gáudio da sua legião de leitores fiéis, alguns milhares bem contados, depois de fazer o que sempre tentou fazer e entende que assim é que deve ser: uma sólida amizade com o editor, no caso Nelson de Matos, que conhece desde os tempos em que dirigia o suplemento literário do *Diário de Lisboa* acolitado por Vítor Silva Tavares e com quem mais tarde privou na Moraes.

Neste final de 1994 os prelos da Dom Quixote põem cá fora *A Caval* no *Diabo* subintitulado «Crónicas do 'Público' e casos privados», onde há páginas magníficas de imaginação e de verve narrativa, que poderiam confirmar se necessário — mas não é — a exemplaridade daquela que se tem por uma das prosas de ficção mais compe-

«A minha mãe era como os salmões, subia o rio para ir desovar. Foi assim que eu fui nascer ao Peso. Quando me trouxeram para Lisboa, veio em terceira classe, porque era agarradíssima, e o meu pai também, mas ele com bilhete de primeira, como competia a um oficial da Marinha»

lentes do universo literário em Português. José Augusto Cardoso Pires Neves, ou só José Cardoso Pires, discorde veementemente. Nunca o apanharemos em pecado de orgulho ou empáfia latina. Apertado pelo mesmo Mãos de Seda, autodefine-se como «inventor de pessoas». Está bem achado, bate certo com o autor. Evidentemente que, inventando-as, não as recria de uma só peça: compõe-nas por vezes de diverso material, ou então agarra-as do natural e ca-

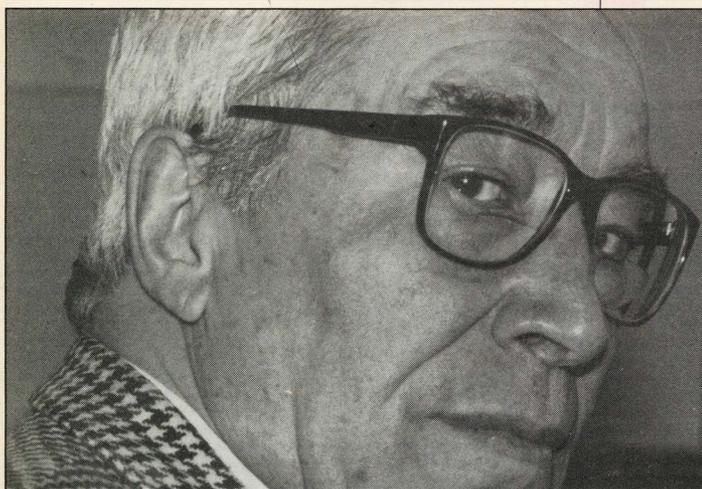
Ge GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL
Telef. 468 45 21 (ext: 333) * Fax: 468 79 65

e não só,
NO NATAL OFEREÇA ARTE

Na loja da Galeria de Arte do Casino Estoril encontrará grande variedade de trabalhos de Pintura e Escultura em pequeno formato dos mais consagrados autores contemporâneos

Dia 15/12/94 - às 21.30 horas inauguração do «XIII SALÃO DE OUTONO»

ABERTA TODOS OS DIAS DAS 15.00 ÀS 24.00 HORAS



► crupulosamente as fotos de suporte. Ficou então famosa uma fotografia a seis colunas, de Hemando Domingues, ilustrando uma cena de cassete e bastão por parte da polícia. Era aposta do meu director adjunto e deu a volta ao mundo comprada pelas agências.

A VIDA DE IMPRENSA

Falemos de pessoas tal qual frequentaram Lisboa e as redacções. Em mais de uma ocasião, se se lhe perguntava sobre os jornais, José Cardoso Pires desconversava: gostava

lá dessa gente, que ideia. Chegou inclusive, numa entrevista, a decretar a inexistência do jornalismo enquanto prática profissional no País. E jurou e voltou a jurar que jamais se lembrava de subir as escadas de um jornal à procura de emprego. É verdade que as crónicas do **Público** que engrossam o seu novo livro nasceram de um movimento de dentro para fora — convite formal do director, Vicente Jorge Silva, convencendo-o a colaborar quinzenalmente com uma prosa de 4000 caracteres. Tem vindo a alternar com um amigo de palavra de honra, António Lobo Antunes, e na altura de consultar um psiquiatra para varer o vício do fumo lembrou-se de outro cronista do magazine dominical do **Público**, o dr. Ricardo França Jardim, que anda a

tratá-lo.

A versão autêntica da sua ligação aos jornais começa nos anos 40, um dia em que, fazendo as contas ao curso de Matemática quase a ir por água abaixo, bateu à porta do gabinete de Joaquim Manso, cunhado do

pai (que estivera casado em primeiras núpcias com uma sua irmã) e director do **Diário de Lisboa**, a pedir-lhe um lugar. Não morria de amores pelo senhor, nem Manso pelo jovem candidato a aprendiz. Resposta seca.

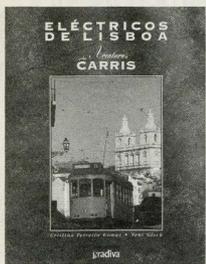
«Deixe-se de aventuras. Jornais? O jornalismo é uma troca de favores!»

Só se reviram no funeral do pai de Cardoso Pires, aproveitando Manso para fazer uma perorata «toda em moral». Lembrança para esquecer.

A realidade é que sonhava acordado com as «aventuras» jornalísticas pelo menos desde os 13 anos, aluno do Liceu Camões, quando manuscreeu, circulou e tornou conhecida uma folha intitulada **O Pinguim**. Na fase entre cachorro e lobo, por volta de 1943, colaboraria num quinzenário de Paulo de Macedo, **Cidade dos Rapazes**, onde publicou um texto sobre Pierre Loti (que lia furiosamente ao tempo, a ele e a Vargas Villa) e o conto «As palmeiras do areal», e no imediato pós-guerra parou bastante na redacção da revista **Afinidades**, do Instituto Francês, dirigida por Francisco Fernando Lopes e patrocinada de perto por um diplomata, Lionel de Roulet, casado com uma irmã de Simone de Beauvoir.

«Deu-me para conhecer nessa altura a Beauvoir e o Sartre de uma vez que estiveram em Lisboa. Conhecia-os em casa do De Roulet mas eles não deram por mim» (mas deram pelo País e Simone de Beauvoir aproveitaria a experiência para depois falar, em **LES Mandarins**, dos povos que se «portugaliza-

DA GRADIVA PARA O SEU NATAL



ELÉCTRICOS DE LISBOA

22 x 28
157 páginas
6300\$00

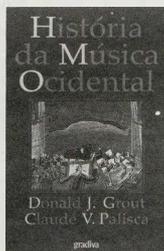
Histórias da cidade dos eléctricos, aventuras sobre carris, via-gens pelo passado, andanças através do presente



ESTEREOGRAMAS

20 x 20; 96 páginas; 2200\$00

O fascínio de ver imagens a três dimensões. Um livro a não perder!



HISTÓRIA DA MÚSICA OCIDENTAL

15,5 x 24
759 páginas
6300\$00

Num só volume a melhor história da música jamais publicada



OS MELHORES CARTOONS POLÍTICOS DA ACTUALIDADE

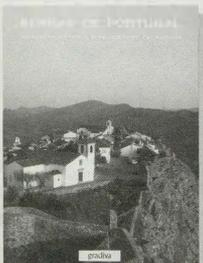
21,5 x 28; 171 páginas; 2750\$00

Uma sátira acutilante aos dias de hoje. A não perder!

SERRAS DE PORTUGAL

23,5 x 31
210 páginas
6800\$00

Não perca esta viagem fascinante ao país que queremos guardar na nossa memória



SOUSA MARTINS E AS SUAS MEMÓRIAS SOCIAIS

15 x 23
259 páginas
2200\$00

Como surgiram as crenças em Sousa Martins? Como se propagaram? Como se explicam?

O MEU PRIMEIRO LIVRO DE AMBIENTE

24 x 23; 29 páginas; 1785\$00

Para os mais novos uma excelente introdução à temática ambiental



gradiva

Livros que fazem leitores

vam», comprazendo-se na decadência e na subserviência.

Successivas passagens pela chefia de redacção da Eva, a revista de Carolina Homem Christo, pelo *Almanaque*, que criou para a Ulisseia Editora a pedida de Figueiredo de Magalhães (este chegou a pagar-lhe um estágio em Milão na redacção da *Epoca*), e pelo *Diário de Lisboa*, onde transitou de colaborador mais ou menos regular para responsável pelo suplemento literário das quintas-feiras e, no final da década de 60, fundador e manda-chuva de *A Mosca*, encarte de humor que saía aos sábados para grave escândalo dos leitores botas-de-elástico (trabalhei aí com ele, era um pagode), prepararam o seu mais sério envolvimento na Imprensa portuguesa, os 467 dias entre 21-9-1974 e 31-12-1975 em que foi director adjunto do mesmo *Diário de Lisboa*.

Sempre se dera bem com o director, A. Ruella Ramos, que o atraía já para um projecto de remontagem da História portuguesa a partir de 1921 contrastada com a vida do vespertino e no primeiro Verão pós-25 de Abril me incumbiu de sondá-lo: estaria de acordo em ser o n.º 2 do jornal, aliás n.º 1 em termos de direcção intelectual, como Ruella fez questão de dizer? Hesitou, regouguou, em Agosto estava rendido. Mas não assim a redacção, que se achou no direito de proterlar a admissão por uns bons quinze dias. Recordo-me perfeitamente, e nunca percebi o engulho que podia causar essa solução.

Enfim entrou, ele que muito desconfiava da bondade da experiência, que já fora a dos medianos «romancistas forjados no jornalismo republicano» (como previniria em *E agora, José?*), um dia depois de o *Diário de Lisboa* imprimir uma longa entrevista de Alice Nicolau a Vasco Gonçalves, convicto de que podia dar a volta ao texto. Três dias mais, nova entrevista maciça, desta feita a Álvaro Cunhal. Não se opôs, mas deixou dito em voz alta que a insistência em figuras institucionais não lhe parecia boa para captar novos leitores. Em vez do que procurou durante algum tempo chamar a colaborar amigos seus, o primeiro dos quais seria Irineu Garcia com uma história menos batida de Pablo Neruda.

Esgotou-se no dia-a-dia, imaginou cabalas, incompatibilizou-se com um chefe de redacção, foi viver um tempo para um hotel — única forma de fugir à pressão do país delirante —, no fim do Verão Quente de 1975 era um homem desencantado preparando a saída, que se tornou verdade no último dia do ano, sem nomeação de substituto. Redigiu um texto de despedida, que A. Ruella Ramos corrigiu com toda a sua sensatez. Dizia-se aí que ele invocara «motivos pessoais incompreensíveis e irremovíveis de momento» e não restava mais do que aceitá-los. O vazio não seria «preenchido para já». Um período entre outros: «O escritor (...) soube transmutar-se em jornalista nas piores circunstâncias e, gesto raro, ter a humildade do aprendiz quando entendeu que assim devia ser.»

Nessa tarde fomos sacudir a melancolia num bar. Em 2-2-1976 sucedia-lhe Fernando Piteira Santos, a quem, consultado, dera o seu voto favorável.

AS PESSOAS DO VERBO

Em *A Cavalão no Diabo*, que organiza no índice segundo dez rubricas, poderíamos singularizar algumas áreas como o conto genuíno, escrito (e mais de uma vez publicado) como tal; a recuperação do território

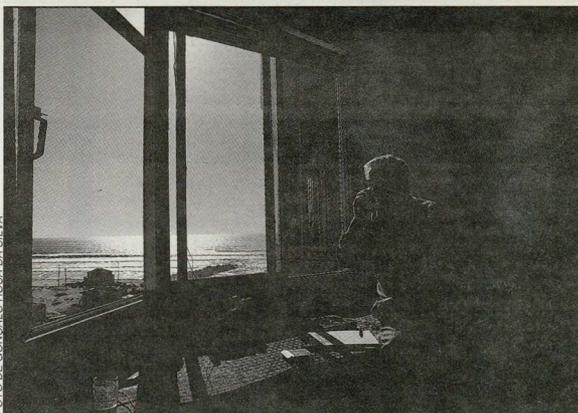


FOTO DE GONÇALO ROSA DA SILVA

sentimental da adolescência e do princípio da idade adulta, Arroios, Chile, Almirante Reis, Socorro; as viagens como pretexto; as notas de leitura; e uma outra matéria pre-textual que tem vindo a usar no *Público*, que é o próprio noticiário da Imprensa aproveitada para fins críticos ou de irrisão, esta naturalmente mais frequente.

O narrador, aqui e ali reduzido ao antepenúltimo apelido do nome civil, Cardoso, é à vez congressista, destinatário de cartas, leitor de livros, viajante de carro entre o Porto e Lisboa, residente epissólico em Londres ou então cliente/frequentador de bares (em Lisboa e em Paris), cafés, cervejarias, restaurantes, leitárias, tascos (um no Rossio, outro na Praça do Chile), livrarias (em Nova Lorque), ou ainda e apenas o observador sentencioso que lhe está na massa do sangue e ganhou galões desde o tempo do *Almanaque*.

Inventor de pessoas, José Cardoso Pires obstina-se, porém, em deixar intocadas algumas que vão da parentela ao amálgama de figuras com quem se cruzou no último meio século. Pede-se-lhe que pegue nelas, escreva as suas histórias, e a resposta é um «não» redondo: para quê, se não interessa? Que rendimento se pode tirar delas? Não está para aí virado.

Eu dir-lhe-ia, muito à puridade, que a namoradinha que ele teve aos 18 anos e com quem viveu três meses de amor louco num quarto da Rua B ao Bairro Lopes, empregada de Ao Último Figurino trajando modelos da casa que deixavam a vizinhança aturdida, e que depois o mandou dar uma curva porque ele, o narrador desistente, a trocara por um mês de navios mercantes, merecia bem ser uma das pessoas do verbo. Era bonita. Era ribatejana. Nunca mais se viram. Ponto final.

E ele, Cardoso, o dos navios? Fez uma única viagem a Lourenço Marques e volta como praticante de piloto sem curso, mas que viagem. Para lá foi no *Sofala*, sob o comando de um homem, Gustavo Peixe, que guardou na memória, e na capital de Moçambique, enquanto o barco (transportando tropas para Timor) não saía do porto, saiu Cardoso, futuro amigo do Mãos de Seda, e assentou arraisais no bar Pinguim da Rua Araújo, onde uma noite conheceu um marítimo cabo-verdiano com uma perna paralisada desde um acidente em Murmansk, que o convenceu a desertar mudando do *Sofala* para o seu barco, o *Miomý Baldwin*. Cardoso disse que sim, que era boa ideia, mas logo no convés cresceu para ele um tripulante russo perdido

de bêbado que o quis pentear à faca. Agarraram-no. À tarde veio a notícia de que havia a bordo um caso de doença altamente contagiosa. O *Baldwin* voltou ao porto, Cardoso desembarcou e foi preso, situação de que viria a livrá-lo o comandante do porto, de nome Esparteiro, amigo do pai, sob promessa de regressar a Lisboa logo que possível. Veio no *Niassa*, que também trazia as Hermanas López, ex-atrácções do Cabaré Costa

lourenço-marquino, além de um ilusionista, Octávio de Matos, tudo gente da maior intimidade de Cardoso enquanto bebedor de espíritos na Pérola do Índico, salvo melhor apodo. O pior é que da tripulação fazia parte um imediato apaixonadíssimo por uma das López e convencidíssimo de que Cardoso era seu comensal íntimo. De onde *quiproquós*, correrias, mexericos e, já no porto de São Tomé, ordens terminantes do rival para Cardoso ir marcar carga para o porão, uma seca, e a subseqüente chamada ao camarote do mesmo rival, o que em linguagem mareante queria dizer agressão verbal e talvez física. Cardoso não estava para graças, motivo por que, antes que o outro lhe desse, deu-lhe ele, e logo com a base de chumbo de uma ventoinha. Resultado: imediato KO, Cardoso fechado num camarote, depois à solta, finalmente saindo ligeiro e sem dar cavaco em Lisboa. Só faltava jogar a mão à cédula marítima, o que ele fez com facúndia e, já sabemos da posterior evolução até novelista, com absoluta competência.

Não, nem esta quer aproveitar: as memórias de Cardoso Pires conte-as quem as souber de ouvido. Mas ele, o mestre da prosa portuguesa, não falha ao nosso encontro em *A Cavalão no Diabo*. Há seis anos contados desde *A República dos Corvos* que o esperávamos: esta vivo e recomenda-se.

José Cardoso Pires
A CAVALÃO NO DIABO
Publicações Dum Quisnte, 206 págs./2980500

UM LIVRO ABERTO PARA A REFLEXÃO

"Para Além da Evolução Tecnológica":

- Uma compilação de textos de Luís Portela.
- Uma perspectiva diferente.
- Uma análise serena do Homen no Mundo.

PARA ALÉM DA EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

Luís Portela

EDIÇÕES ASA
UM LIVRO ABERTO...